



LEVANTAI OS OLHOS: UMA RELAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO JUDAICA E A COSMOLOGIA EVOCADA POR ISAÍAS

LIFT UP YOUR EYES: A RELATIONSHIP BETWEEN THE JEWISH RELIGION
AND THE COSMOLOGY EVOKED BY ISAIAH

Ana Beatriz Siqueira Bittencourt¹

RESUMO

O livro de Isaías, composto entre os séculos VI e V a.C., apresenta-se como um significativo relato judaico do período marcado pela ascensão e dominação da região pelo Império Neobabilônico, atuando como um chamado ao retorno dos princípios religiosos. Este estudo concentra-se no capítulo 40, parte da seção conhecida como Segundo Isaías ou Dêutero-Isaías, no qual a cosmologia judaica é apresentada por meio da descrição de estruturas e elementos do cosmos, articulados a uma mensagem teológica e profética. Na cosmovisão judaica, o Deus criador organiza o universo, conferindo ordem e função às estruturas celestes. A partir disso, buscamos analisar a forma como a cosmologia e a geografia cósmica são apresentadas na tradição judaica no contexto do livro de Isaías, e como essa argumentação reafirma a soberania da divindade e o seu controle sobre a história.

Palavras-chave: judaísmo antigo; Isaías; cosmologia; geografia cósmica.

ABSTRACT

The Book of Isaiah, composed between the sixth and fifth centuries BCE, presents a significant Jewish account of a period marked by the rise and domination of the region by the Neo-Babylonian Empire, functioning as a call for a return to religious principles. This study focuses on chapter 40, part of the section known as Second Isaiah or Deutero-Isaiah, in which Jewish cosmology is presented through the description of structures and elements of the cosmos, articulated within a theological and prophetic message. In the Jewish worldview, God the Creator organizes the universe, conferring order and function upon celestial structures. From this perspective, the article examines how cosmology and cosmic geography are presented in the Jewish tradition within the context of the Book of Isaiah, and how this line of argument reaffirms divine sovereignty and control over history.

Keywords: Ancient Judaism; Isaiah; cosmology; cosmic geography.

INTRODUÇÃO

Levantai ao alto os vossos olhos, e vede quem criou estas coisas (Isaías 40.26).

O texto de Isaías, narrativa datada entre os séculos VI e V a.C., se apresenta como um significativo relato judaico do período marcado pela ascensão e dominação da região pelo Império Neobabilônico. Considerado em seu contexto como um livro de tradição

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ), com bolsa FAPERJ. Mestre em História Social com ênfase em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e graduada pela mesma instituição. Coordenadora do canal Cool História, voltado à divulgação científica das áreas de Pré-história e História Antiga (<https://www.youtube.com/coolhistoria>). Contato: bia.sbittencourt@gmail.com



profética, trata-se em essência de uma convocação à comunidade judaica para retorno aos princípios religiosos fundamentais. Isaías é considerado pela tradição como um dos mais importantes profetas, estando ligado a corte como profeta palaciano, e ao Templo, o seu próprio nome já apontava a relação com a divindade apresentada em sua narrativa: em hebraico **יְשַׁעְיָהוּ**, que significa “Yahweh salva”.

Para uma análise mais detida, tomamos em especial o capítulo 40 – parte da seção referenciada como período do Segundo Isaías ou Dêutero-Isaías² –, no qual o autor ao apresentar a cosmologia judaica identifica ao longo da narrativa estruturas e elementos no cosmos, envoltos no entendimento teológico e na mensagem profética proclamada. Neste sentido, este trabalho busca analisar a forma como a cosmologia e a geografia cósmica são apresentadas na tradição judaica no contexto do livro de Isaías e como esta argumentação reafirma a soberania da divindade e o seu controle em meio ao contexto histórico vivido.

Situado em uma posição estratégica na região, o Reino de Judá estava cercado e era alvo de disputa das grandes potências do Levante. As relações e as configurações de poder permaneciam instáveis: a expansão do Império Neobabilônico, já desde fins do século VII a.C., tencionava o quadro que era composto também pelas investidas das forças egípcias, e as frágeis relações geopolíticas causadas pelas campanhas assírias que haviam conquistado o Reino de Israel em 721 a.C. (Figura 1)³. Judá, por fim, é integrado à órbita Neobabilônica como reino vassalo; cenário que favoreceu a eclosão de revoltas locais que ao serem em pouco tempo reprimidas, entre 598 e 597 a.C., levaram a imposição de uma primeira deportação de judaítas ao exílio.

Diante da persistente instabilidade nas disputas pelo controle da região, os babilônicos substituíram a política de vassalagem por um controle mais direto sobre o Levante ao transformar os antigos reinos em províncias subordinadas de forma mais direta ao rei. A reação da elite local culminou, em 587 a.C., em uma repressão que causou a destruição da cidade de Jerusalém e de seu Templo, bem como em uma segunda onda de deportações. É nesse contexto que se insere a narrativa de Isaías aqui analisada, em meio à experiência do desterro no período do Exílio Babilônico⁴.

² O livro de Isaías é tradicionalmente dividido em distintas seções. Uma das correntes concebe a divisão entre Proto-Isaías (capítulos 1-39), Dêutero-Isaías (capítulos 40-55) e Trito-Isaías (capítulos 56-66). Para mais informações a respeito das discussões sobre a estrutura do livro, confira: Langer, 1999.

³ Vale mencionar que o reino de Judá era também chamado de reino do Sul, assim como o reino de Israel era conhecido como reino do Norte; nomenclatura esta que é estabelecida após o cisma político-religioso ocorrido com a morte do rei Salomão, dividindo o território que anteriormente configurava-se em um único Reino (1 Reis 11.43; 1 Reis 12.16-20).

⁴ Para uma discussão bibliográfica atualizada sobre o Exílio Babilônico, os impactos do desterro e os implícitos processos de integração e afirmação social, confira: Onodera, 2023.



Figura 1. Mapa da região com destaque aos reinos de Judá e Israel. Fonte: Richardprins, Public domain via Wikimedia Commons. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_Jud%C3%A1#/media/Ficheiro:Kingdoms_of_Israel_and_Judah_map_830-pt.svg>. Acesso em: 8 set. 2025.

No decorrer do movimento de conquista territorial e subjugação do povo, faz-se necessário considerar as relações identitárias envolvidas nos processos de integração ou na ausência destes. Os contextos de dominação promovem certo acirrar dos choques identitários experienciados pelas diferenças e embates culturais e religiosos entre o povo dominado e os babilônicos.

Vale destacar ainda que a vivência da diáspora produz também adaptações e mudanças que são impostas pela nova realidade. No marco discursivo, essa tensão se justifica pelo que Marc Augé denominou *lugar antropológico*, ou seja, “a construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar” (AUGÉ, 1994, p. 51). O entendimento das identidades em suas fronteiras fluidas e dinâmicas, ainda que em disputa, dá conta também da compreensão do novo ambiente social e cultural estabelecido no desterro judaico. Tal compreensão corrobora a visão de Augé acerca da dimensão histórica sobre o lugar que na relação fomenta as mais diversas interações sociais.



As trocas e movimentações de pessoas, culturas, costumes, bens e experiências religiosas podem ocorrer de forma pacífica e ritualizada quando aparentes interesses em comum conseguem superar possíveis divergências. No entanto, é possível reconhecer no âmbito dos conflitos as zonas de divergência e disputas em termos de violência, dominação e destruição. Logo, como propõe Guarinello, cada grupo representa “uma fronteira política, econômica, social e cultural, um esquema interno de comunicação, classificação, propriedade e exploração. É com esta fronteira de múltiplas faces, e com múltiplas densidades, que cada comunidade se defronta com as outras” (GUARINELLO, 2010, p. 121).

Em geral, os aspectos moral e religioso foram elementos poderosos na constituição e formação da própria identidade étnica dos judeus ao longo da história. Outrossim, infere-se que nas sociedades antigas é impossível dissociar religião e vida política, assim como de outros aspectos da sociedade, inclusive no que se refere à vivência e prática do judaísmo. Como afirma Ciro F. Cardoso (1990, p. 10), no antigo Oriente Próximo a separação em conceitos delimitados de política, economia e religião ocorre apenas de maneira artificial. Sendo assim, passaremos a uma exposição das bases de constituição da religião judaica.

A RELIGIÃO JUDAICA

Na tradição judaica, conhecemos como *Tanach* (תנ"ך) o conjunto canônico dos textos sagrados hebraicos⁵, sendo estes baseados tradicionalmente nos textos massoréticos do século VI. Composto de 24 livros⁶ o *Tanach* ou *Tanakh* é um acrônimo dos grupos textuais que o formam: *Torá* (“Ensino”), são os cinco primeiros livros relacionados à *Lei Mosaica*⁷, *Nevi'im* (“Profetas”)⁸, formado pelo conjunto de oito livros que reúne narrativas antigas e os textos canônicos dos profetas e, por último, *Ketuvim* (“Escritos”), que reúne uma coleção diversa de 11 livros⁹.

O texto da *Torá* é formado por uma complexa gama de tradições orais e a incorporação de materiais de origem não-israelita. O equilíbrio de forças que veio a construir o conjunto dos cinco manuscritos que formam a *Torá* canônica espelha-se na composição do material, assim como na organização e conformação textual às formas literárias. Desta forma, a intencionalidade nos aspectos sociais, político, econômico e teológico move a

⁵ Estes textos compõem o conjunto chamado *Velho Testamento* da Bíblia cristã de tradição protestante, diferindo apenas na divisão interna dos livros, o que gera na versão cristã 39 livros.

⁶ A divisão atual dos livros do *Tanach*, quando comparada à dos textos sagrados na Antiguidade, difere quanto à forma de organização, mas não quanto ao conteúdo.

⁷ Esta porção é equivalente ao chamado *Pentateuco* na Bíblia cristã.

⁸ Isaías, portanto, faz parte do conjunto de livros dos Profetas.

⁹ cf. FELDMAN, 2009, p. 32; KIBUUKA, 2020, p. 22.



conformação destas tradições em uma composição que reflete não só esta complexidade, mas também a centralidade da fé na crença da providência e direção de Yahweh como libertador e criador dos céus e terra (KIBUUKA, 2020).

Em geral, é possível reconhecer na experiência religiosa judaica uma série de observâncias necessárias no entender do próprio funcionamento da religião. Sobre elas, Feldman (2009, p. 48) aponta que o pacto do povo com Deus se configura em quatro princípios fundamentais: crença e fidelidade absoluta ao único Deus (monoteísmo); negação de toda forma tipo de idolatria; adoção da Lei revelada por Deus a Moisés como código normativo; e, associado ao pacto estabelecido, a conquista e posse da Terra de Israel como uma dádiva de Deus ao povo (perspectiva coletiva).

Atrelada a essas questões, parece fundamental compreender o papel da memória coletiva na constituição da identidade religiosa e social do judaísmo antigo. Dessa forma, a memória coletiva, ao mesmo tempo em que é marcada pelas vivências sociais e culturais dos indivíduos, age também no amalgamar das relações que mantém a coesão do grupo, destacando sua singularidade. Nesse caso, os processos de recordação são constantemente revisitados e consolidados pela tradição oral¹⁰.

Um aspecto da valorização da memória e da história do povo pode ser visto no reconhecimento de duas figuras ancestrais de suma importância para o judaísmo: Abraão e Moisés. O primeiro como o patriarca do povo e o segundo como o legislador. De acordo com a literatura bíblica, Abraão, o considerado patriarca, nasceu e constituiu família no sul da Mesopotâmia, na cidade de Ur dos caldeus. Até os noventa e nove anos de idade seu nome foi Abrão, que significa “pai exaltado” e/ou “grande pai”, sendo mudado aos cem anos para Abraão, “pai de uma multidão” (Gênesis 17.1-6). Para Braumer (2016, p. 189), a troca do nome e a confirmação da aliança estabelecida com a divindade fizeram de Abraão o pai primeiro dos judeus. Há que se considerar ainda que a figura de Abraão é reivindicada também como ancestral no islamismo e cristianismo.

Considerado legislador, Moisés na história bíblica é o responsável por receber de Deus (*Yahweh*) os preceitos a serem seguidos (Êxodo 24.12; Deuteronômio 16.20). Como conta a história, Moisés foi um hebreu criado na corte egípcia pela filha de faraó, tendo mais tarde se tornado o responsável por catalisar o movimento de saída do povo do cativeiro no Egito. Ele é ainda tradicionalmente apontado como o autor da *Torá*. A partir da identificação de Moisés como peça fundamental no processo de sistematização dos princípios das práticas de culto e vivência do judaísmo, é preciso posicionar a figura do líder como

¹⁰ Para estudos sobre o conceito de memória, confira: Assmann, 2011; Ricoeur, 2007; Halbwachs, 1990.



representante e marco da construção de uma identidade judaica que tem nele parte de suas raízes.

Sob outro enfoque, dentro do judaísmo as simbologias e a imagética têm papel fundamental e definidor do próprio entendimento étnico-identitário, em relações que se expressam tanto no campo religioso quanto no cultural e social. Em seu estudo sobre os símbolos judaicos representados em moedas – que podem também ser encontrados em outros suportes como mosaicos, pinturas, esculturas ossuários e lápides –, Paul Romanoff (1942) separa os principais símbolos em quatro grupos, sendo estes: as referências agrícolas, os edifícios e/ou construções, os utensílios e as alusões a elementos astronômicos, destacando ainda que por questões religiosas os tipos humanos e animais estão de maneira geral ausentes na arte judaica. Nesta medida, é possível reconhecer que os elementos astronômicos, em especial, as estrelas que se apresentam como um dos destaques dos tipos utilizados como recurso mnemônico e didático.

A COSMOLOGIA NA COSMOVISÃO DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

Diante do estudo proposto, o que estamos considerando como cosmologia? Iniciamos, portanto, assumindo que o termo cosmos (κόσμος) em grego está relacionado ao entendimento de ordem, e era visto na filosofia antiga como a totalidade ordenada. Em consonância, a ideia de cosmologia relaciona-se com a estrutura e o funcionamento do cosmos.

A organização dos corpos celestes e a disposição destes no céu estavam ligadas à lógica das forças que regiam o mundo. Sendo assim, parte do processo de entendimento da natureza se relacionava ao entendimento religioso que buscava atribuir sentido a uma ordem. Diferentemente da concepção científica contemporânea sobre termos como cosmologia e cosmogonia, na Antiguidade essas definições estavam estreitamente relacionadas ao conjunto de crenças e valores religiosos e culturais do período. Sendo assim, essas categorias permaneciam entrelaçadas, sendo operacionalizadas de modo quase que indissociável.

Conforme destaca Liba Taub (2008), na antiguidade é essencial considerar as formas literárias utilizadas pelos autores em suas narrativas, considerando estas escolhas comunicativas a base que molda o conteúdo e o seu significado. Sustentando essa posição expõe que a escolha de redação e os gêneros literários utilizados na explicação dos fenômenos naturais não eram neutros, e funcionavam como estratégias conscientes de comunicação ao público alvo. A análise da autora pode ser verificada também no contexto judaico, consistindo o veículo comunicativo do conhecimento uma porção constitutiva do próprio entendimento sobre a ciência antiga.



Neste âmbito, um conceito importante é o de geografia cósmica, que se refere à sistematização de como diferentes sociedades e culturas imaginavam e identificavam a forma e a estrutura do mundo e do universo. Esse olhar, que é também próprio de seu tempo, revela uma gama de símbolos e significados muito particulares à experiência social, cultural, política e religiosa desses povos. Na antiguidade, de maneira geral, as geografias cósmicas estavam muito mais atreladas ao entendimento metafísico de ordenação do cosmos pelos deuses do que à materialidade das estruturas. Neste sentido, as narrativas apresentam a constituição funcional do cosmos na atribuição da ordem estabelecida pela divindade.

O mais interessante é que a concepção dessas culturas sobre o cosmos se desenvolve de acordo com a observação e experimentação, oferecendo explicações para os fenômenos da natureza. Nesse âmbito, são de suma importância o papel desempenhado e a manifestação dos deuses na geografia cósmica (WALTON, 2021). É certo que, para entender a cultura e a literatura do mundo antigo é preciso reconhecer a cosmovisão de cada sociedade como de fundamental importância em seu desenvolvimento. Destarte, a geografia cósmica de cada cultura parece intrínseca ao seu pensamento, e fornece o caminho para a compreensão do que era observado e como era interpretado.

Segundo Aires e Artuso (2025) a busca humana pelas origens, como uma necessidade intelectual e existencial, manifestou-se ao longo dos séculos por meio de mitos cosmogônicos. Estes são compreendidos como linguagens simbólicas fundamentais para a construção da identidade e do sentido social de um povo. Assim, funcionavam como uma estrutura de coesão social e uma tentativa de explicar o “inexplicável”, estabelecendo uma relação intrínseca entre o divino, o cosmos e a humanidade.

Não obstante, é possível identificar certa correlação das visões cosmológicas que constituem as cosmovisões no contexto do antigo Oriente Próximo. Envolto em um mesmo processo histórico de diálogo e mútua transformação – afinal, estamos falando mais uma vez de fronteiras de relações dinâmicas –, os babilônicos, cananeus, egípcios e judeus compartilhavam de um universo cultural comum. Assim, apesar das variações relacionadas às interpretações religiosas divergentes, há certos elementos que caracterizam todos esses grupos (cf. HOROWITZ, 2011; STADELMANN, 1970).

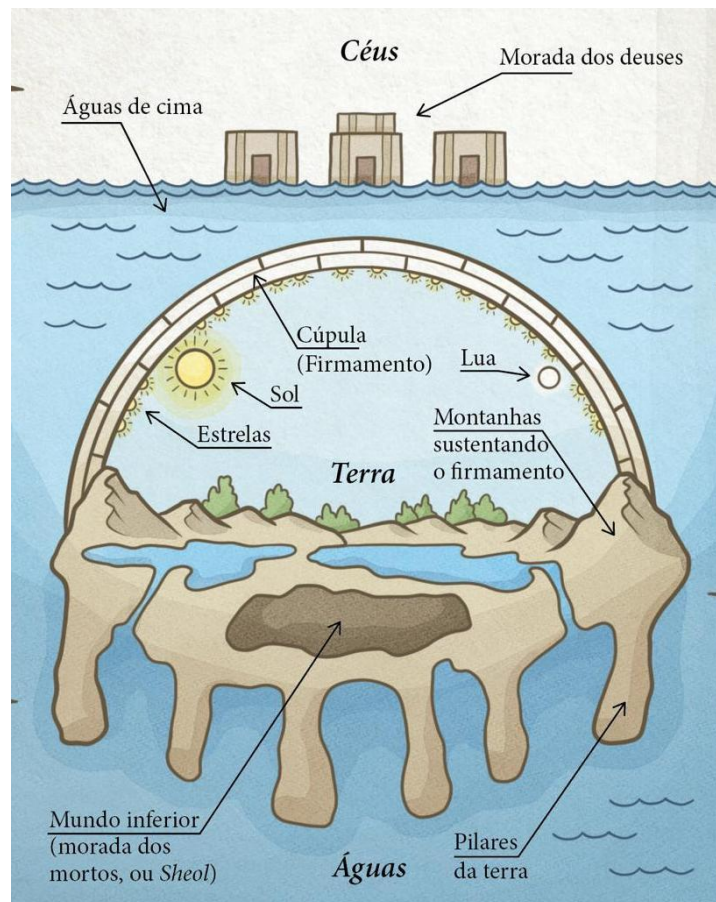


Figura 2. Representação da geografia cósmica no antigo Oriente Próximo.
Fonte: REINKE, André Daniel. Atlas ilustrado da Bíblia.
Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023, p. 31.

Conforme a imagem acima (Figura 2), no antigo Oriente Próximo a concepção geral do cosmos estava posta em camadas: os céus sobre a firmamento, a terra abaixo deste limite e o mundo inferior sob a terra. As águas dos mares eram associadas ao caos primordial, estando a terra pairando sobre as águas caóticas de baixo e separada das águas de cima pela cúpula que compunha a estrutura do cosmos. Enquanto o sol se movia pela abóboda celeste durante o dia e passava pelo mundo inferior à noite, a lua fazia o caminho inverso, se movendo ao longo da noite e se escondendo abaixo durante o dia. As estrelas, por sua vez, estavam esculpidas sob a abóboda e formavam uma espécie de caminho no céu. Por fim, no ponto mais alto dessa estrutura estavam os céus, lugar da morada dos deuses (REINKE, 2023, p. 31).

A cosmologia judaica, por sua vez, não surgiu de forma isolada, mas se inseria em um bojo compartilhado e continuamente reelaborado, em contato com as cosmologias dos povos vizinhos do antigo Oriente Próximo e, mais tarde, do mundo helenístico. Logo, os autores bíblicos operam em uma geografia cósmica semelhante aos demais ao seu entorno.



Como afirma Wright (2000), a originalidade do modelo cosmológico judaico não estava propriamente na estrutura do cosmos, mas em sua reinterpretação teológica. A reformulação à luz das preocupações religiosas e identitárias serviu para o projeto monoteísta que submeteu o céu e os astros à soberania única e exclusiva de Yahweh.

É possível identificar os conceitos da geografia cósmica e o reconhecimento cosmológico em muitos textos ao longo da Bíblia Hebraica. Esses termos, comuns no mundo antigo, se diferenciavam pela agência da divindade no sistema conhecido. Os fenômenos naturais em vez de serem considerados como manifestações dos atributos dos deuses, aparecem esvaziados de divindade, assumindo o papel de instrumentos aos propósitos de Deus (WALTON, 2021, p. 172-173).

A SOBERANIA DIVINA E A COSMOLOGIA EM ISAÍAS

Seguindo o entendimento do contexto vivido no período e a cosmovisão judaica identificada, partiremos a uma análise mais específica do texto de Isaías a fim de assimilar os elementos do cosmos e a relação deles com o discurso produzido pelo autor.

Quem mediu na concha da sua mão as águas, e tomou a medida dos céus aos palmos, e recolheu numa medida o pó da terra e pesou os montes com peso e os outeiros em balanças? (Isaías 40.12).

Porventura não sabeis? Porventura não ouvis, ou desde o princípio não se vos notificou, ou não atentastes para os fundamentos da terra? Ele é o que está assentado sobre o círculo da terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos; é ele o que estende os céus como cortina, e os desenrola como tenda, para neles habitar (Isaías 40.21-22).

Levantai ao alto os vossos olhos, e vede quem criou estas coisas; foi aquele que faz sair o exército delas segundo o seu número; ele as chama a todas pelos seus nomes; por causa da grandeza das suas forças, e porquanto é forte em poder, nenhuma delas faltará (Isaías 40.26).¹¹

Na cosmovisão judaica apresentada, o Deus criador estabelece uma ordem às estruturas celestes, definindo funções e posições, relação tal que se encontra também em outros textos da Bíblia Hebraica que narram o processo de criação do universo. Assim, o texto estabelece um chamado à observação sistemática do céu, não no sentido astrológico místico de predição, mas no sentido de uma identificação quase que quantitativa e qualitativa que expressa uma atribuição de ordem e sentido da vida.

¹¹ Neste trabalho, para as citações em português do texto bíblico, utilizamos a versão Almeida Corrigida e Fiel, da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. Esta versão é uma das mais antigas e consolidadas traduções por equivalência formal a partir dos textos massoréticos – que constituem a versão padrão do *Tanach*. O texto desta versão está disponível online: <<http://biblias.com.br/acfonline>>. Acesso em: 8 set. 2025.



Como tema de interesse central das tradições religiosas, a criação e ordenação do universo – em análise aqui na cosmologia judaica expressa no texto de Isaías – constituem a elaboração de um conjunto de percepções e concepções de mundo. Tal perspectiva, articulada em uma narrativa sintética, apresenta a experiência da existência através de todo um sistema de interpretações teológicas e filosóficas. Dessa forma, a dimensão histórica parece entranhada pela experiência humana no mundo, respondendo a essa vivência e promovendo conexões entre as grandes questões da vida e sua concretude (LEITE, 2004).

O contemplar e a percepção sobre a configuração do que se via na abóboda celeste reflete a reafirmação da soberania de *Yahweh*, que tem em suas mãos o poder da criação cósmica, sua manutenção e o controle de todas as situações. Em outro sentido apresentado, o cuidado aparece expresso no Deus que já tendo vencido o caos anteriormente, pode agir em favor do seu povo para vencer o caos menor do cativeiro (MCMULLIN, 2010, p. 14). Essas percepções agiriam assim em conforto meio ao contexto histórico vivido.

O texto de Isaías é altamente poético em sua apresentação. Embora o objetivo de sua construção não seja detalhar os astros celestes, suas funções ou o processo de sua criação, a partir da leitura e das inferências é possível esboçar o cosmos judaico em sua configuração, estabelecida pela ordem divina. Na narrativa, a divindade é apresentada em sua grandeza como aquele que tomou a medida do céu aos palmos e, que assentado sobre o círculo da terra é responsável por desenrolar os céus como cortina e estendê-los como tendas. Sua atividade de ordenação se amplia ainda, como aquele que conhece em detalhe todas as estruturas celestes e estrelas. Trata-se da expressão de um olhar cosmológico sobre a gênese da criação de um povo, cuidado pelo mesmo Deus que se manifesta no reconhecimento de tudo o que foi criado por ele. À luz disso, ao convocar as estrelas, chama-as todas pelo nome, numerando-as e contando-as.

Assim, entendemos que o texto de Isaías faz referência ao processo criacional e evoca o lembrar da tradição que narra este período, a exemplo dos textos de Gênesis nos capítulos 1 e 2. Mas será que é possível encontrar um apontamento de contemplação do céu semelhante ao descrito em Isaías?

“Então o levou fora, e disse: Olha agora para os céus, e conta as estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua descendência” (Gênesis 15.5).

No texto de Gênesis (15.5) encontramos uma expressão correlata, uma mesma convocação de olhar para o céu e contemplar os astros celestes. Neste caso, a narrativa se desenvolve no chamamento de Abraão pela própria divindade, que o impele a observar na



grandiosidade e vastidão múltipla do céu a comparação com a promessa de uma descendência numerosa. Tal situação está ligada ao contexto da mudança de nome já mencionado anteriormente, em que Abraão, ainda Abrão naquele momento, levanta os olhos para ver através das estrelas a promessa de um futuro próspero.

Este é o princípio do afirmar de uma cosmovisão judaica que tem confiança em um Deus que ordena e realiza todas as coisas. Assim como em Isaías, a ação da divindade está posta tanto na ordenação do céu quanto na vida humana. Em Gênesis, a promessa de continuidade através das gerações, em Isaías, a continuidade pelo cuidado no exílio e pela remissão dele.

De certa forma, é necessário entender que a experiência mítica que apresenta a realidade do processo de criação e sustento do universo está posta para além apenas da narrativa. Neste sistema existe a relação que perpassa o homem enquanto ser. Assim, “a cosmogonia não é apenas fenômeno externo ao homem, arcaico e inatingível, mas também acontecimento interno, presente e vivenciável” (LEITE, 2004, p. 102).

No antigo pensamento hebraico, entende-se que *Yahweh* estabeleceu a terra por meio da sabedoria. Analisando os conceitos de palavra e sabedoria primordial encontrados nos textos bíblicos, Leite (2004) apresenta que o poder criador e identificador da palavra é base fundante e fundamental. Foi por meio da consolidação entre a sabedoria e a palavra que o universo se torna existente. Assim, conclui que o homem em sua vivência reproduz o mesmo movimento do criador, estabelecendo uma associação entre os atos fundadores essenciais e os atos do cotidiano humano.

A ideia por último apresentada é interessante, e pode ser expressa no conceito de dupla agência, discussão teológica amplamente debatida pelos estudiosos da temática. Na elaboração da questão da dupla agência, temos a ideia central de um único evento atribuído simultaneamente à atividade de Deus e à ação das criaturas. Afinal, como agente criador, permanece intrinsecamente ligado à atividade humana.

Ademais, a existência do que é criado reside no ato criador da divindade, sem a qual a realidade se resumiria exclusivamente à divindade. Tal pressuposto constitui o fundamento do conceito de *creatio ex nihilo*, ou seja, o surgimento do cosmo a partir do nada. Um desdobramento relevante da gênese a partir do nada é a premissa de que nenhum fenômeno ou entidade limitada escapa à ação e propósito de Deus. A obra criadora não deve ser interpretada como pontual ou isolada ao princípio dos tempos, como um ato que conferiu à criatura a capacidade de existir por si só, mas sim como um vínculo permanente de dependência ontológica (TRACY, 2010). Neste sentido, o ato de criação se estabelece como um processo contínuo, onde o cosmos é mantido através de um ato contínuo da vontade de seu Criador (POLKINGHORNE, 2006).



Quando Deus é compreendido como o princípio primeiro de todas as coisas, no sentido radical pretendido por *creatio ex nihilo*, todas as ações humanas passam a se desenrolar dentro da atividade universal sustentadora e providencial de Deus (TRACY, 2010, p. 237). A conceituação proposta é verificável na abordagem adotada por Isaías na medida em que a divindade permanece contínua e propositalmente se importando e atuando na relação direta com as coisas e criaturas criadas.

Por que dizes, ó Jacó, e tu falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao Senhor, e o meu juízo passa despercebido ao meu Deus? Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga? É insondável o seu entendimento. Dá força ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor (Isaías 40.27-29).

A eliminação de grande parte dos elementos nacionais, como estratégia imperial de destruição da identidade nacional, torna a religião uma prática de resistência. A lei e as práticas culturais assumem o espaço de um formalismo como único ponto de referência e ligação à memória do povo (LIVERANI, 2023).

Em vista disso, o distanciamento da tradição parece então um problema a ser tratado. Sendo direcionados por líderes religiosos, à exemplo Isaías, a comunidade de sobreviventes fiéis e reconciliados ao único Deus verdadeiro é convocada à esperança de superação da situação imposta. “Essa esperança manifesta-se no nível político de restauração da unidade nacional, de recuperação de território, de reconstrução do templo e na revitalização da monarquia” (LIVERANI, 2023, p. 559). A recuperação almejada é fortalecida na narrativa do profeta bíblico pela menção ao livramento prometido ao povo. A promessa feita é que o criador e juiz de todas as causas agiria fortalecendo e dando vigor aos cansados.

A evocação dos mitos de origem cosmogônicos, no reconhecimento das estruturas em seu funcionamento e organização, tem como objetivo estabelecer uma relação de continuidade entre o passado e o presente. Dessa maneira, o relembrar das ações primordiais de ordenamento do caos reforçam a ideia de valorização da tradição e dos princípios religiosos, ao mesmo tempo em que o conecta com a defesa de que a divindade, imutável em seus feitos, continuava ordenando todas as coisas.

Assim, a força atuante “no princípio” continuava sendo a força estruturadora e vivificadora do mundo. Essa lógica consolida a dinâmica religiosa das experiências da vida e a compreensão do movimento sagrado. Impetrando a ideia de que o Deus que criou todas as coisas é o mesmo que está atento e continua a coordenar a história humana. Logo, há a clara correlação entre a ordem que concebe e constrói o universo e o cosmos, e a ordem que o sustenta.



FONTES

BÍBLIA. Edição Almeida Corrigida Fiel. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana (SBTB), 2007.

BÍBLIA. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Athos; ARTUSO, Vicente. Mitos do Antigo Oriente Próximo e sua influência na narrativa hebraica da criação (Gn 2,4b – 2,25). **Revista Pistis & Praxis**. Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 1, 2025, p. 550-562.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.

BRAUMER, Hansjorg. **Gênesis (Volume 1)**. Curitiba: Esperança, 2016.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Antiguidade Oriental: Política e Religião**. São Paulo: Editora Contexto, 1990.

FELDMAN, Sergio Alberto. Excluídos e marginalizados: Profetismo bíblico e a questão da terra. **Dimensões** - Revista de História da UFES. Vitória, v. 23, 2009, p. 30-50.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem, integração e fronteiras no Império Romano: Um ensaio. **Mare Nostrum**. São Paulo, v. 1, n. 1, 2010, p. 113-127.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOROWITZ, Wayne. **Mesopotamian Cosmic Geography**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2011.

KIBUUKA, Brian. **A Torá comentada**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

LANGER, Eliana Rosa. A estrutura do livro Isaías. **Revista de Estudos Orientais**. São Paulo, n. 3, 1999, p. 95-106.

LEITE, Edgard. Cosmogonias Védica e Judaica. **PHOÏNIX**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2004, p. 100-110.

LIVERANI, Mario. **Antigo Oriente. História, Sociedade e Economia**. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Edusp, 2023.

MCMULLIN, Ernan. Creation ex nihilo: early history. In: BURRELL, David B.; COGLIATI, Carlo; SOSKICE, Janet M.; STOEGER, William R. (eds.). **Creation and the God of Abraham**. New York: Cambridge University Press, 2010, p. 11-23.

ONODERA, Enzo Snitovsky. No Princípio, Deus criou: A cosmogonia como estratégia retórica para a reconstrução de laços coletivos nos séculos VI e V AEC. **Humanidades em Diálogo**. São Paulo, v. 12, 2023, p. 57-68.



POLKINGHORNE, John C. **Science and Creation: The Search for Understanding**. Philadelphia: Templeton Foundation Press, 2006.

REINKE, André Daniel. **Atlas ilustrado da Bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROMANOFF, Paul. Jewish Symbols on Ancient Jewish Coins. **The Jewish Quarterly Review**. Philadelphia, v. 33, n. 4, 1942, p. 1-15.

STADELMANN, Luis I. J. **The Hebrew conception of the world: A philological and literary study**. Analecta biblica. Rome: Biblical Institute Press, 1970.

TAUB, Liba. Genres of scientific communication. In:_____. **Aetna and the Moon: explaining nature in ancient greece and rome**. Corvallis: Oregon State University Press, 2008, p. 1-30.

TRACY, Thomas F. God and creatures acting: the idea of double agency. In: BURRELL, David B.; COGLIATI, Carlo; SOSKICE, Janet M.; STOEGER, William R. (eds.). **Creation and the God of Abraham**. New York: Cambridge University Press, 2010, p. 221-237.

WALTON, John H. **O pensamento no antigo Oriente próximo e o Antigo Testamento: introdução ao mundo conceitual da Bíblia Hebraica**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2021.

WRIGHT, J. Edward. **The early history of heaven**. New York: Oxford University Press, 2000.